

“DEUS ME LIVRE É FEITIÇO”: VISÕES E IMAGENS SOBRE AS PRÁTICAS RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS. AMARGOSA (1940-1960)

Lorena Michelle Silva dos Santos¹

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, e tem como objetivo analisar as imagens que eram construídas sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, principalmente o Candomblé, na cidade de Amargosa localizada no Recôncavo Sul da Bahia, no período de 1940-1960. Com base nos relatos orais é possível perceber que os discursos e imagens construídas com relação à religiosidade afro-brasileira, eram forjados a partir da ideia que se tinha acerca do poder e da eficácia dos saberes religiosos afro-brasileiros, de um lado eram temidos e de outro eram requisitadas com as mais diferentes intenções. Assim, as questões relacionadas à cultura e religiosidade afro-brasileira no município estiveram relacionadas com a representatividade que parte da sociedade tinha para com ela, o não reconhecimento desses saberes foram provocadores de preconceitos e exclusão.

Palavra chave: Amargosa; Religiosidade afro-brasileira; Práticas religiosas.

Introdução

As práticas culturais-religiosas afro-brasileiras vivenciadas e reconstruídas pelos sujeitos, sobretudo negros e negras, no município de Amargosa, localizado no Recôncavo Sul da Bahia, no período em estudo, territorializaram expressões e influências no meio social, marcando ritmos nas relações que eram estabelecidas no cotidiano da população. Os adeptos ao Candomblé exerciam seus saberes religiosos a partir do legado dos seus antepassados e das experiências compartilhada entre os pares, relações estas que estavam pautadas no poder, nas trocas culturais e na (re) configuração das práticas sociais.

As questões relacionadas à cultura afro-brasileira no município estiveram relacionadas com a representatividade que parte da sociedade tinha para com ela, perpassando por uma trama de discurso e visões construídas muitas vezes a partir do lugar em que ocupava e da realidade social que vivenciava. Produzindo concepções que na maioria das vezes eram reelaboradas e transmitidas como verdade, emergindo uma memória coletiva negativa com relação aos ritos afros, fundamentado em base preconceituosas, a que essas práticas religiosas afro-brasileiras foram relacionadas, como a bruxaria e ações demoníacas.

Nessa perspectiva, as narrativas elaboradas sobre as práticas religiosas afro-brasileiras nos fornecem elementos importantes para a compreensão do imaginário acerca do universo religioso afro, como também, acerca dos praticantes, conhecedores dos fundamentos, mistérios e segredos do universo religioso afro-brasileiro, que tiveram seus costumes questionados, rejeitados e em alguns momentos perseguidos, por parte da população da cidade, que tinham o catolicismo como parâmetro de fé, fator que foi intensificado com a instalação da Diocese, instituição religiosa católica que teria como sede Amargosa, sendo de grande influência na região².

Desse modo, a presença da Igreja católica de forma mais veemente no cenário da cidade, tinha o compromisso de disciplinar, vigiar e disseminar as práticas religiosas católicas na região. Realidade que iria ampliar entre a população um olhar, ainda mais, discriminatório com relação às outras religiões, principalmente, o Candomblé. Nessas circunstâncias, as imagens e os discursos, que eram construídos com relação à religiosidade afro-brasileira presente na cidade, eram forjadas a partir da ideia de medo que se tinha acerca do poder e da eficácia desses saberes religiosos, visto apenas por parte da população, de forma preconceituosa, como “feitiço”, causador de infortúnio e malefício para aquele que fosse atingido.

O “medo do feitiço” presente no imaginário da população, era naquele momento o artifício que poderia ser o mais eficaz para desqualificar a religiosidade afro-brasileira e seus adeptos. Entretanto, nem todos os indivíduos estavam presos às amarras discriminatórias sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, tinham aqueles que mesmo ouvindo os diferentes discursos que relacionavam o Candomblé a superstições e feitiçaria, iam à busca dos auxílios ou conselhos de pais e mães-de-santo, que cheios de sabedoria e humildade, estavam lá nos seus espaços sagrados sempre dispostos a ajudar. Desse modo, os adeptos a religiosidade afro-brasileira, de um lado eram temidos e de outro eram requisitados por serem portadores de conhecimentos secretos e místicos e por sabiamente manipular os segredos das ervas e outros saberes adquirido dos seus ancestrais, podendo utilizá-los com as mais diferentes intenções.

O presente texto tem como objetivo analisar as imagens que eram construídas sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, principalmente o Candomblé, na cidade de Amargosa localizada no Recôncavo Sul da Bahia, no período de 1940-1960 em estudo.

Ao abordar as concepções e atitudes da sociedade de Amargosa com relação ao

Candomblé, também utilizamos como ponto de partida o uso do significado do conceito de representação para compreender as diversas visões e imagens que muitos indivíduos tinham sobre a religiosidade afro-brasileira. Assim, para Roger Chartier a idéia de representação denota formas idealizadas de percepção do mundo, expondo os atores sociais naquilo que imaginam ser ou devem ser. O conceito ainda possibilita verificar as diferentes visões da realidade, visões que devem ser tomadas como projeções de interesses políticos de grupos ou indivíduo.³ O uso das reflexões teóricas apontadas pelo historiador Chartier proporcionará problematizar ao longo da pesquisa como as imagens e representações acerca das práticas religiosas afro-brasileiras e de seus agentes foram construídas e com quais intencionalidades.

O recorte temporal do objeto de pesquisa, definido de 1940-1960, um importante aspecto que justifica a partir de 1940, se refere as evidências apontadas no contato com as fontes, em especial, num processo-crime encontrado referente a esse período na cidade de Amargosa, no qual a repressão às práticas religiosas afro-brasileiras, se dava a partir do processo de criminalização da mesmas, sendo classificadas em alguns momentos como “curandeirismo”, previsto no Art.258 do código penal de 1940, como crime contra a saúde pública. Este era um dos caminhos trilhados pela polícia e justiça para condenar e perseguir os adeptos do Candomblé, outras práticas religiosas afro-brasileiras e, por conseguinte, a própria religião. Para além da criminalização, no período em estudo, Amargosa vivenciava, também, um momento de grandes mudanças econômicas, sociais e culturais, e essa nova realidade ocorria em consonância com instalação da Diocese, fator de grande influência no pensamento dos diferentes setores sociais da época, com relação à religiosidade negra. Nesse sentido, este estudo, procurará investigar a presença das práticas religiosas afro-brasileiras e suas relações sociais para com os vários setores da sociedade local até a década de 60 do século XX. As evidências apontadas através das entrevistas de pessoas que vivenciaram o contexto social da época, de fotografias e alguns jornais avulsos do município, indicam que as manifestações religiosas afro-brasileiras na cidade de Amargosa, apesar de serem perseguidas e reprimidas, se mativerem vivas e presentes em vários espaços da cidade.

Tomando como dimensão a cidade de Amargosa, as práticas religiosas afro-brasileira em estudo nessa pesquisa eram desenvolvidas e experimentadas pelos adeptos, através da relação entre o mundo visível e invisível, na magia, na ancestralidade, no seu pensar, no seu fazer, agir na disputa com o outro, nos cultos domésticos aos orixás e caboclos e no próprio terreiro de Candomblé. Assim, a religiosidade afro-brasileira deve ser entendida

como um conjunto mais amplo, para além dos compromissos religiosos, uma filosofia de vida, uma maneira especial de interação do homem consigo mesmo e com os elementos essenciais da natureza.

Desse modo é imprescindível salientar a importância que a fonte oral, assume para esta pesquisa. Pois proporciona uma relação mais próxima com o tema e os sujeitos históricos em estudo e seu cotidiano. De acordo com Charles D' Almeida, a oralidade abre alternativa de captar o vivido, provoca a relativização de qualquer verdade pronta, acabada e universal e nos apresenta diversas problemáticas que adquire centralidade no estudo.⁴ A memória ocupa um papel de grande relevância na construção da narrativa, pois através dela foi possível lidar com imagens do passado que vão se reconstruindo no presente. Segundo Le Goff, a memória em outros termos contém elementos básicos para construção de uma concepção histórica. A memória, entre lembranças e esquecimentos seleciona a partir dos anseios individuais e coletivos do presente, os fatos que devem e podem ser lembrados e ou esquecidos⁵.

Através das entrelinhas dos discursos analisados, foi possível apresentar as visões e imagens que eram construídas sobre as práticas religiosas afro-brasileiras na cidade de Amargosa, no período em estudo, e os diversos fatores que evidenciam suas motivações e intencionalidades.

Deus me Livre é Feitiço

“... ô minha fia as encruzilhadas vivia cheia de feitiço, era farofa de azeite, vela, garrafa de cachaça e o povo daqui tinha tudo medo dos feitiços ser encomendado para eles, era muita porcaria na rua, se via mais, na sexta para o sábado...”⁶

Ao percorrer a cidade de Amargosa e ao adentrar algumas de suas ruas, caminhos e encruzilhadas era possível perceber no alvorecer do dia ou em meio à escuridão da noite, elementos, que nas palavras em epígrafe de seu Inocência, comerciante, morador da cidade representava traços de uma sociedade que tinha uma diversidade religiosa, e a presença marcante da religiosidade afro-brasileira, que se manifestava através de rituais sagrados, entre eles, as tão conhecidas oferendas, estas constituíam elos entre os seres humanos e o sagrado, como também, podiam ser entendidas como chaves que possibilitam a relação dos fiéis com os orixás, voduns e inquices⁷.

Essas oferendas não se limitavam ao destino das encruzilhadas, eram colocadas também no mato, nas águas do mar ou no rio, a depender da sua finalidade, e sempre de forma misteriosa e às escondidas. Para o depoente, o segredo em torno das práticas religiosas afro-brasileiras, gerou aos olhos daqueles que não fazem parte do universo religioso afro-brasileiro e por isso não compreendiam a simbologia de cada elemento que compõe os ebós, feitiços, bozós, algo que teve como seu aliado o medo e a desconfiança.

O discurso preconceituoso, acusador, no qual classificava as práticas religiosas afro-brasileira, como produtoras de malefícios, como um mal a ser combatido, era uma tentativa de sufocar expressões culturais que representassem e reforçassem a identidade negra. Esse posicionamento teve também seu lugar na cidade de Amargosa, principalmente devido à presença de um bispado e de uma sociedade que queria a todo tempo se auto-afirmar como branca, ocidentalizada e católica e obrigar aqueles que não fossem a se converter, livrando-os das amarras do atraso e do diabo.

Sendo assim, o clero utilizou instrumentos que alcançassem grandes números de fiéis em um só momento. Intensificou as homilias, sermões e pregações, carregadas de escopo assustador e atemorizador, atingindo o imaginário popular, com o objetivo ditar maneiras de ser cristão e de comportamento ético na sociedade, e de reprimir aqueles que estavam fora dos padrões estabelecidos. Assim, os discursos difundidos entre aqueles que participavam da missa, tinham um conteúdo doutrinário, carregado de uma pedagogia desmesurada e onipresente do medo do demônio e onde ele estaria presente e atuando.

De acordo com Carvalho, “é por meio do imaginário que se pode atingir os medos e as esperanças de um povo, pode atingir não só a cabeça, de modo especial, o coração...”¹A projeção de medos coletivos seriam disseminados entre a população como um todo. Estes medos, em sua maioria, tinham uma relação com as atividades culturais de matriz africanas vistas como “coisa do diabo”, sendo uma forma de utilizar essa figura tão temida, como estratégia da Igreja de ter o controle sobre seus fiéis, evitando que não desviasse do caminho de Deus.

Dona Maria José, católica, com 76 anos, ao ser indagada sobre a presença de outras representações religiosas na cidade no período estudado relatou “... aqui todo mundo era católico, e eu acho se não me falhe a memória que não existia essas seitas que tem matança e mexe com o cão, ô bem crê em Deus ou no cão.”⁸ Na fala de dona Maria, identifica-se como

está arraigado o discurso preconceituoso com relação aos cultos afro. Ao se referir a eles, ela apenas cita o termo “matança”, como algo desconhecido pelo valor simbólico do sacrifício de animais nos rituais afro, caracterizando-os apenas como algo demoníaco, bárbaro; deslegitimando o Candomblé como religião, classificando-o apenas como seita, no intuito de não apenas inferiorizá-la, como também negar a sua presença.

Outro fator marcante na sua fala é a imposição com relação em qual lado se deve estar, tratando de religiosidade; pois no momento em que não se segue os ditames da Igreja e se sente “tentado” a participar de outro universo religioso, passa-se a ser considerado como um dos aliados do diabo, sendo visto como suspeito e perigoso. Ao rememorar a sua visão sobre a cultura de matriz africana, em especial o Candomblé, a depoente aponta o que ficou presente em sua memória como verdades, como também, o que absorveu ao interagir com a sociedade e os diferentes grupos ao qual relaciona. Os estudiosos que trabalham com a memória estão corretos ao afirmar que a memória individual, de certa forma, é uma representação da memória coletiva, portanto compartilhada⁹. Então, o conteúdo dos sermões e discursos enviesado transmitido por algumas dessas “autoridades” religiosas na época, não fora assimilado apenas por Zenilda, mas por tantos outros fiéis que iam a missa.

O olhar preconcebido com relação às práticas religiosas afro-brasileira, atingia de forma significativa grupos diferenciados, desde aqueles que apenas tinham a visão baseada nos discursos da Igreja, a exemplo de dona Zenilda, chegando às mentes das classes abastadas da cidade, que imbuídos de ideais de modernização, desenvolvimento social e cultural não admitiam a presença de traços religiosos da cultura afro-brasileira, fato que na concepção de muitos indivíduos poderia manchar a bela imagem que queriam conservar de uma cidade cristã a caminho do progresso. Sendo assim, para inibir as manifestações culturais negras, buscou-se adjectivá-las de forma depreciativa, classificando-as como símbolos de atraso, ignorância e superstição.

Para além do preconceito sobre as práticas sagradas, a tonalidade da pele das pessoas também era visto como algo inferior. Sendo assim, dona Maria, rezadeira, com 99 anos, guarda na memória detalhes de como os negros eram vistos na cidade. Ela, na condição de afro-descendente afirma “... ô minha fia naquele tempo o povo não gostava de quem era preto não, era tudo muito fidalgo, nem queria se misturar com essas festas, dizia que era esculhambação.”¹⁰ É possível observar que o ser negro e pobre, no cenário da sociedade, estava sujeito a ser marginalizado. As festas que contavam com forte presença negra, também

eram vistas como lugar de promiscuidade sexual, que afetava a moral e os bons costumes vigentes, descrições essas que propiciaram o desenvolvimento de uma imagem negativa, associando tudo de ruim a figura dos negros, criando mais preconceitos e estereótipos.¹¹

O olhar excludente para com parte da população negra do município de Amargosa, foi conseqüência de um “discurso racista elaborado pelas teorias racionalistas aglomeradas de preconceitos baseadas em aparências, impressões mal fundamentadas, que fora imperado ao continente africano”¹² e teve seu lugar também no Brasil, tendo adesão da elite brasileira branca às ideologias raciais. Parte das elites advogava que era superior, depreciando os não brancos a partir de considerações de inferioridades cultural e biológica, ampliando os meios e os argumentos para a criação de obstáculos para o reconhecimento social de negros, índios e mestiços.

Desse modo, os padrões racistas foram disseminados e tiveram seu lugar, principalmente no contexto religioso católico, na voz dos padres e dos fiéis católicos que imbuídos da missão de propagar a fé para os ditos pagãos, reduzia as outras crenças “coisa supersticiosa”, “paganismo”, “idolatria” comparando com o arquétipo do Diabo. Esta figura passou a assumir um importante papel na formação do imaginário ocidental, mediante as imagens criadas sobre o juízo final e o inferno; ambas exerciam forte influencia sobre a mentalidade popular.

O autor, Jean Delameau quando se reporta a Idade Média, evidencia como a civilização ocidental cristã se incumbiu de criar mitos e medos e inverdades sobre outras práticas religiosas, para além da oficializada, o cristianismo. Assim, o medo de arder no inferno pela condenação da Santa Igreja era usado contra os fiéis para incutir-lhes a obediência.¹³ Na cidade de Amargosa, mesmo em outro contexto histórico, esses argumentos também eram utilizados por alguns representantes da Igreja católica para limitar as ações e posicionamentos dos cidadãos no intuito de evitar que eles seguissem caminhos tidos como desviantes.

Não só as práticas mágicas afro-brasileira foram alvo de temor, mas seus agentes também eram vistos como pessoas perigosas e temidas por parte da sociedade de Amargosa. nas palavras de dona Isabel, feirante, com 75 anos “..aqui tinha uma feiticeira chamada Zumira, lembro como hoje, todo mundo tinha um pouco de receio dela, eu mesma minha fia te nego não tinha medo, pois o povo dizia que ela era das fortes.”¹⁴ Percebe-se na fala dela, como o medo não era só do feitiço, mas também daqueles que faziam parte do Candomblé.

Era algo presente no cotidiano das pessoas, por razões reais ou imaginárias, o povo de santo na concepção dos moradores da cidade era temido por ser portador de conhecimentos secretos e místicos e por sabiamente manipular saberes adquirido dos seus ancestrais, e que poderiam ser utilizados com as mais diferentes intenções, a possibilidade de ser atingida por práticas mágicas era o substrato do medo¹⁵.

A imagem que era construída com relação às mulheres, principalmente aquelas que dominavam os saberes sobrenaturais, tem alusão no período medieval quando a mulher por estar mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, com o poder de não só profetizar, mas também de curar ou prejudicar por meio de misteriosas receitas, faz com que estas sejam vistas pela Igreja e pela sociedade como agentes de satã.¹⁶

A autora Yvonne Maggie, analisa no Rio de Janeiro no século XIX, como o medo era disseminado com relação aos praticantes e as práticas religiosas afro-brasileira, segundo ela:

...a crença na magia e na capacidade de produzir malefícios por meios ocultos ou sobrenaturais é bastante generalizado no Brasil desde os tempos coloniais. De acordo com a crença, certas pessoas podem usar consciente ou inconsciente esses poderes sobre os outros para atrasar a vida, fechar caminho, roubar amante, produzir doenças, mortes¹⁷.

Desse modo, Maggie revela que a sociedade brasileira desde os tempos de colônia direciona elevada atenção para a crença na magia, propiciando assim um jogo de elementos imaginários que despertava sentimento diferenciado, desde o medo dos efeitos desses ritos mágicos, acreditando que estes poderiam lhes causar males, como também, o desejo de alguns indivíduos em buscar os líderes religiosos, mesmo que às escondidas, com o intuito de amenizar as suas aflições, desamores, problemas financeiros, etc. Nesse aspecto, o interesse pelas práticas mágico-religiosas ligadas às tradições africanas e pelos seus serviços religiosos, possuía uma clientela pertencente a um amplo espectro social, muito além da comunidade negra e pobre, incluindo grupos privilegiados economicamente. O que demonstra como os agentes religiosos, através da suas práticas tinham a capacidade de desenvolver vínculos externos à comunidade negra contribuiu para a consolidação e expansão dos terreiros de candomblé, respondendo a opressão social através de uma resistência silenciosa, sem perder de vista seus valores culturais, que ultrapassavam em alguns momentos os limites do terreiro e adentrava a sociedade.

No momento em que as instituições sociais incutiram a crença na magia maléfica, elaboram também um arsenal de atitudes com o intuito do combatê-las. Sendo assim, a justiça passa a ser no Brasil, como também na cidade de Amargosa, um mecanismo de coibição dessas

práticas, tidas como suspeitas e perigosas, tendo como respaldo as leis. A exemplo, disso temos o depoimento do senhor Nelson, morador da cidade de Amargosa, com 80 anos e, que no período estudado era delegado na cidade . Este informa como eram as acusações contra os adeptos do candomblé,

Olha minha filha eu não era contra a nenhuma religião nem ao candomblé desde que não fosse com patifaria, nem explorasse as pessoas. O povo daqui era demais queria que eu cobrasse... Para bater o tambor, mas eu não cobrava, pois eles mim agradavam... Meu Deus era coisa e... Quando as mulheres iam lá, fazer denúncia que fulana tava querendo roubar o marido, e tava fazendo feitiço e que eu tinha que acabar com aquilo com os feiticeiros da cidade, mas o povo do candomblé andava mais pela roça ¹⁸.

É possível observar que as denúncias contra os terreiros de candomblé e seus adeptos, eram baseadas na crença dos poderes da magia de causar algum infortúnio, sendo assim, acusava por temer as forças religiosas ocultas. De acordo com Evans Pritchard, as crenças sobre bruxaria compreendem, além disso, um sistema de valores que regulam a conduta humana¹⁹. O autor traz uma discussão sobre a bruxaria nos Azandes na África, mas, mostra o papel da feitiçaria como um mecanismo de escape às tensões e os medos encarnados na figura de um bruxo, assim, cada sociedade tem para si as causas de suas dificuldade que lhe são acometidas.

No entanto, em meio aos que acusavam e incutiam a repressão aos terreiros de Candomblé, tinham aqueles, como o senhor Nelson, que tinham uma relação de tolerância para com o candomblé e seus adeptos, por diferentes fatores. Poderiam mesmo sendo autoridade, participar de forma silenciosa dos festejos ou até por medo da reputação daqueles que eram conhecidos por possuir poderes extraordinários, medo do feitiço. Mas, mesmo tendo simpatia pelo Candomblé, era preciso que atuassem dentro dos vigores da ordem vigente. Suas festas não deviam desviar a moral, nem os bons costumes e ideais que naquele momento faziam parte do vocabulário da elite dominante da cidade que desejava disciplinar a população dentro dos ditames de uma cidade em progresso e civilização.

Contudo, apesar das grandes investidas em deslegitimar a religiosidade afro-brasileira, seja incutindo o medo ou perseguindo como fruto também desse medo, em momento algum fez com que povo-de-santo perdesse seus valores, tornando-se mais fortes, mantendo viva a cultura e a religiosidade afro-brasileira no contexto religioso da cidade de Amargosa..

NOTAS

¹ Graduada em História – Licenciatura plena pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus V. Mestranda em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia - PPGHIS-CAMPUSV. Bolsista da Capes. Santosm_@hotmail.com. Orientadora – Carmélia Aparecida Silva Miranda.

² A implantação da diocese na cidade de Amargosa ocorreu em 15 de Agosto de 1941 e teve o apoio das elites, que se mobilizaram através de doações ou angariando fundos para a instalação dessa instituição religiosa católica.

³ CHARTIER, Roger. A historia cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Rio de Janeiro, DIFEL, Bertrand, 1990, p.30-32

⁴ SANTANA, Charles D’Almeida. Fatura e Ventura Camponesa: Trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.p.21

⁵ LE GOFF, Jaques. *Memória*. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Oficial, 1985.p.32.

⁶ Depoimento concedido por seu Inocêncio da Cruz, em 10 Outubro de 2011

⁷ SOUSA, Vilson Caetano de (org). As Religiões de Matriz Africana no Brasil. In: Nossas Raízes Africanas. São Paulo,2004,p.135.

⁸ Depoimento concedido por Maria José, em 21 de Novembro de 2011

⁹ HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. p.22

¹⁰ Depoimento concedido por Maria Souza, em 23 Novembro de 2011.

¹¹ FERREIRAFILHO, Alberto Heráclito . Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador. (1890-1937). Afro-Ásia, p. 239-256.

¹² SILVEIRA, Renato. *Os Selvagens e as Massas*: papel do racismo científico na montagem da hegemonia Ocidental.Salvador: Afro-Àsia, nº 23 (200) p. 100

¹³ DELAMEAU. Op.Cit P. 40.

¹⁴ Depoimento concedido por Isabel Vieira, em 24 de fevereiro de 2011.

¹⁵ PARÉS, Nicolau Luis. *A Formação do Candomblé*: História e Ritual da nação Jejes na Bahia. Campinas, SP, 2007, p. 130.

¹⁶ DELAMEAU. Op.Cit. p. 45

¹⁷ MAGGIE, Yvone. *O Medo do Feitiço*: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992, p.22

¹⁸ Depoimento concedido por senhor Nelson Medrado, em 10 de Fevereiro de 2012.

¹⁹ EVANS PRITCHARD, E. E. Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azandes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 1937, p. 126.